

## DOM CASMURRO: O MAL OLHADO

Luiz Carlos de Sá

RESUMO: Em *Dom Casmurro*, Machado de Assis, aponta para o olhar do outro como produtor de um discurso velado que conduz ao insulamento, à agressão e, às vezes, até a morte daquele que é visto como diferente e totalmente “coisificado”. No remeteremos à importância do olhar, não o já exaustivamente discutido pela maioria da crítica com relação à Capitu, mas sim o de José Dias, que influencia e constitui um dos pilares do romance. A força do discurso antifeminista e o silenciamento sobre a opressão das mulheres, segundo nossa leitura, é revelado pelo autor, transformando-a em um ser totalmente “fora-da-lei” até os dias de hoje.

PALAVRAS-CHAVES: Mulher, Olhar, Discurso.

## DOM CASMURRO: O MAL OLHADO

Luiz Carlos de Sá

O olhar que só reflete é espelho, mas o olhar que sonda e perscruta é foco de luz. O olhar não decalca passivamente, mas escolhe, recorta e julga as figuras da cena social mediante critérios que são culturais e morais, saturados portanto de memória e pensamento.

Alfredo Bosi

Como leitor, pois não sou um especialista em Machado de Assis, muito me intrigou, ao ler pela primeira vez o livro *Dom Casmurro* (1899), no primeiro ano do ensino médio, a discussão se Capitu traiu ou não Bentinho, ou Bento de Albuquerque Santiago. Vários são os estudos que examinam a ficção machadiana, principalmente essa personagem e o seu marido. Eles perpassam pelas chaves de leituras do feminino, da moral, da ascensão social, do adultério, do biográfico, do psicológico, etc, elaborados por renomados intérpretes, e outros que estão em formação e logo o serão.

Ainda há o que dizer sobre esta obra? Sim, pois todo texto é um dispositivo concebido para produzir seu leitor-modelo<sup>1</sup> (Eco, 1994: 15), e esse leitor não é o que faz a “única” hipótese “certa”. Um texto pode prever um leitor-modelo com o direito de fazer infinitas suposições e a ação do leitor consiste basicamente em fazer uma proposição sobre o desígnio do texto. A leitura é um ato solitário, principalmente a de um romance, e o leitor em sua solidão vai, cuidadosamente, acumulando pequenas “lascas”<sup>2</sup> geradas pela leitura. Uma dessas “lascas” surgiu nas primeiras leituras – o presente trabalho é a produção de um simples leitor das obras de Machado de Assis e não de um dos notáveis intérpretes e produtores com sua vasta bibliografia – e perdura até hoje; é o caso do olhar neste romance.

É importante ressaltar que se desejamos verdadeiramente interpretar um texto com arte, temos de saber que ele é possuidor de uma estrutura que indica os caminhos a serem respeitados. Cientes disto, podemos asseverar que o leitor é previsto pelo próprio texto, não só, como um colaborador, mas também como alguém que procura criar.

---

<sup>1</sup> Umberto Eco, em seu livro *Seis passeios pelos bosques da ficção* (1994), a esse respeito, cita dois conceitos: o do leitor-empírico e o do leitor-modelo.

<sup>2</sup> Esta expressão foi usada pela Professora Dr<sup>a</sup> Lucia Helena, titular da cadeira de Literatura Brasileira, na Universidade Federal Fluminense, no curso “Intérpretes da crise: Walter Benjamin e a reflexão sobre a literatura”.

Logo, o emissor, ao combinar seus signos, não o faz gratuitamente; ele espera que o leitor-modelo o decodifique metalinguisticamente.

“O olhar” é verdadeiramente uma linguagem forte e carregada de sentido, expressa “a visão do narrador, o ponto de vista ou, mais tecnicamente... o foco narrativo” (Bosi, 2007, p.10). Ele é ora abrangente, ora incisivo, ora cognitivo e, no limite definidor, ora é emotivo ou passional.

Os olhares que são revelados pelo narrador-personagem provocam-nos, gerando um hiato, e porque não dizer um certo desconforto, pois sabemos que Machado de Assis utiliza como objeto primordial o comportamento humano, através da percepção e observação de palavras, pensamentos e até os silêncios de homens e mulheres que habitaram o Rio de Janeiro durante o Segundo Império e o início das Repúblicas da Espada e Velha. Seu olhar não se exauriu no espaço-temporal que habitou, e graças a ele podemos hoje incorporar esse olhar machadiano à nossa percepção do social.

“...o olho, fronteira móvel e aberta entre o mundo externo e o sujeito, tanto recebe estímulos luminosos (logo, pode ver, ainda que involuntariamente) quanto se move à procura de alguma coisa, que o sujeito irá distinguir, conhecer ou reconhecer, recortar do contínuo das imagens, medir, definir, caracterizar, interpretar, em suma, pensar”  
(Bosi, 1998, p. 66).

O olhar narrativo não é contínuo e existem formas diversas de examiná-lo; “a intencionalidade do autor desloca-se, e é preciso acompanhar cada uma das suas visadas” (Bosi, 2007, p. 13). No entanto, podemos assegurar que valores culturais e o modo de pensar fazem parte do mundo do romancista, às vezes ele pode afinar-se com a ideologia dominante no seu meio, ora distanciar-se e julgá-la. “Quem diz olhar diz, implicitamente, tanto inteligência quanto sentimento” (Bosi, 2007, p. 10). Não é nosso interesse a tipicidade das personagens ligadas a uma corrente ideológica.

Machado via por dentro o que o naturalismo enxergava de fora. Suas personagens são parecidas e ao mesmo tempo diferenciam-se das de seus contemporâneos, brilhantes caçadores de caricaturas; essa diferença potencializa os discursos ficcionais, não deixando enrijecer em categorias, mesmo estando sobre a marca do Realismo histórico.

O olhar machadiano se distancia da personagem em determinado momento e em outro a penetra; este olhar em movimento detecta que mesmo aqueles que representam os agregados, como os define Bosi “seres redutíveis à escala das relações hierárquicas”,

também olham, e é um olhar de baixo para cima concedido pelo autor. “Machado sabe que agregados também olham” (Bosi, 2007, p.32); o olhar e o desvelamento estão presentes nesta obra “[...] podemos concluir que o escritor decidiu desvendar o mundo para os outros homens [...] a função do escritor é fazer com que ninguém possa ignorar o mundo e considerar-se inocente diante dele” (Sartre, 1993, p. 21).

Dom Casmurro, ao começar a escrever seu livro, que é baseado somente em suas memórias, escreveria somente aquilo que lembrasse “vou deitar ao papel as reminiscências que me vierem vindo”, no entanto, ele sabia o que iria registrar e nada foi por acaso, mas sim intencional ao afirmar: “Deste modo, viverei o que vivi [...] começemos a evocação por uma celebre tarde de novembro, que nunca me esqueceu. Tive outras muitas, melhores, e piores, mas aquela nunca se pagou do espírito” (Assis, 1997, p.18). Evocação também significa transferência de uma causa judicial de um tribunal para outro.

A narrativa de suas “reminiscências” começa com o capítulo que tem como título “A Denúncia”, que é atribuída a José Dias, depois de muito olhar e observar Betinho e Capitu: “Há algum tempo estou para lhe dizer isto [...] porque se eles pegam no namoro[...]” (Assis, 1997, p.19). Nem Dona Glória, mãe de Bentinho, ou qualquer outro de seus parentes, percebem ou conseguem ver o quê os olhos do agregado vêem, incluindo o próprio adolescente. Pois, é a partir desta “denúncia”, produzida pelo olhar, que se descobre apaixonado por Capitu, como ele mesmo atesta: “Eu amava Capitu! Capitu amava-me” (Assis, 1997, p.35). Esta declaração nunca foi esquecida.

José Dias é visto por alguns simplesmente como um personagem fofoqueiro, que apresenta uma condição de submissão, protótipo do “homem livre<sup>3</sup>”. Não discordamos que ele “não abusava e sabia opinar obedecendo”, no entanto, é o seu olhar que serve de base para definição dos olhos de Capitu, como os de cigana oblíqua e dissimulada, que viram “olhos de ressaca”. Qual o favor que ele arrebanharia com esta afirmação?

“Capitu era Capitu”, é singular, embora nosso narrador-personagem tente descrevê-la como mau caráter desde a infância, pois não existe diferença entre ela adolescente e adulta, que é interesseira, leviana e almeja conseguir um bom casamento, a exemplo de Sofia e Virgília, esta de *Memórias póstumas*, e aquela de *Quincas Borba*.

---

<sup>3</sup> Conceito utilizado por Roberto Schwarz em “Ao vencedor as batatas. In. As idéias fora do lugar” ele diferencia as três classes de população divididas em: latifundiários, escravos e homens-livres que dependem do favor direto ou indireto.

Capitolina é “mulher-cabeça, de marcada independência de pensamento e atitudes, com os pés no chão da objetividade”, como afirma Domício Proença Filho, publicado no Espaço Machado de Assis, na Academia Brasileira de Letras.

Aquela era uma sociedade conservadora, em que o capital se valia confortavelmente do trabalho escravo: “Como é sabido, éramos um país agrário e independente, dividido em latifúndios, cuja produção dependia do trabalho escravo...” (Schwarz, 2000 ,p.13); é contra essa sociedade patriarcal que ela se insubordina, o domínio machista cultivado por esta rígida sociedade do seu tempo; sua postura é de rompimento com os conceitos e valores introjetados nas mulheres de seu tempo e que somente no futuro, bem distante, começarão a serem suprimidos.

Ela consegue com que a mãe de Bentinho supere a credence religiosa, além de contornar a assimetria social e suspender a tepidez do namorado, não para obter inserção na sociedade onde vive (Bosi, 2007, p.23) ou por se uma hipócrita, felina, ondulante, cheia de manhas e recursos (Miguel-Pereira,1949, p. 176-177), mas por ser uma mulher que não aceita as regras pré-estabelecidas, como afirma o próprio narrador-personagem; “Capitu era Capitu, isto é, uma criatura mui particular, mais mulher do que eu era homem.” (Assis, 1997, p. 67-68). Machado vai, com arte, realçando os contornos de Betinho e Capitu; vai injetando de forma homeopática a dúvida no leitor, através de nuances insignificantes; quando o leitor dá por si a situação esta armada. Capitu é uma mulher linda e sensual e tinha consciência de sua beleza, com esta descrição a suspeita surge no leitor, antes de nascer no espírito de Bento, sem que o autor diga nada (Miguel-Pereira, 1949 , p 177).

[...] enfeitava-se com amor quando ia a um baile; os braços é que... Eram belos e na primeira noite que os levou nus a um baile, não creio que houvesse iguais na cidade[...] Eram os mais belos da noite ao ponto de me encherem de desvanecimento[...] Já não foi assim no segundo baile;quando vi que os homens não se fartavam de olhar para eles, de os buscar, quase de os pedi[...] fiquei vexado e aborrecido. Ao terceiro não fui[...]

(Assis, 1997, p. 188)

No entanto, não é pensado que o Dr. Bento Santiago é representante da melhor tradição patriarcal, proprietário mandão; ele era bom filho, bom amigo, bom marido, advogado conceituado, coração ingênuo ex-seminarista, qualidades apreciadas por aquela sociedade, e por que não dizer pela nossa também. Mas, ao transformar Bento

em Casmurro após o falecimento de Escobar, na cena do velório, passa a desconfiar de Capitu; imagina a traição e isto lhe causa um pranto descontrolado que o torna incapaz de proferir o discurso no sepultamento. É neste ponto do romance que emerge a paranóia que o transformará no narrador-personagem Casmurro.

O poder patriarcal está em perigo, é necessário eliminar a ameaça, já que não existe forma de subjulgá-la, pois “ela é mais mulher do que ele é homem”. O narrador Bento Santiago não preserva a si mesmo aos olhos do leitor, confessa todas as suas fraquezas, tentações, medos, superstições, perversidades, covardias e tentativas de atos criminosos. Temos agora a sua verdadeira imagem e não o simulacro que ele representava. A possível traição de Capitu tira-lhe o poder patriarcal e coloca em dúvida a sua paternidade; é a desculpa encontrada para condenar mãe e filho ao desterro. O olhar de José Dias é utilizado como prova para justificar e afirmar que a sonsise da personagem é congenial, mas ele está morto, não pode confirmar ou negar.

Diante da acusação, feita por Bento, no foro (Assis,1997, p.236) de que Ezequiel não é seu filho, Capitu prefere a separação e ir morar na Europa, por estar cansada dos ciúmes do marido “Pois até os defuntos! Nem os mortos escapam aos seus ciúmes” (Assis,1997, p.237). Ela já fez todas as concessões que poderiam ser feitas sem abrir mão da sua dignidade e personalidade. Ao julgá-la e condená-la ao insulamento, a sociedade representada por Bento é um instrumento de opressão de classe em sua feição mais real.

Machado parece dizer que Capitu é a mulher adúltera, no entanto, ela significa outra coisa: as limitações, não do gênero feminino, porém todas as restrições impostas à mulher em uma sociedade conservadora, preconceituosa e machista, que a partir do olhar distorcido do outro pode, nos dias de hoje, não insular para que a morte ocorra longe de seus olhos.

Mau olhado. Olhar de ressaca. Cabe, neste caso, encerrar com uma frase do crítico Roberto Schwarz que lê a obra machadiana sob a ótica da relação estrutural da sociedade brasileira:

“O tema do livro não é só o ciúme, mas a questão do juízo próprio na figura da mulher (Capitu) e a submissão do proprietário (marido). O caso Dom Casmurro é uma

extraordinária metáfora histórica. Lido dessa forma este livro adquire uma dimensão de crítica social”.<sup>4</sup>

---

<sup>4</sup> Palavras de Roberto Sshwarz, em *A poesia envenenada de Dom Casmurro*, na abertura da Festa Literária Internacional de Paraty, em 2.7.2008.

## Referências bibliográficas

ASSIS, Machado de. Dom Casmurro. Chile: O Globo/Klick Editora, 1997.

BENJAMIN, Walter. Origem do Drama Barroco Alemão. Trad. apresentação e notas de Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1984.

\_\_\_\_\_. "Narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov". In: Magia e técnica, arte e política. Ensaios Sobre Literatura e História da Cultura. Obras Escolhidas, Vol.1. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. 7ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1994, pp. 197-221.

BOSI, Alfredo. Machado de Assis: o enigma do olhar. 4ª ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2007.

CHALHUB, Samira. A metalinguagem. São Paulo: Editora.Ática,1986.

ECO, Umberto. Seis passeios pelos bosques da ficção. Tradução de Hildegard Feist. 8ª Reimpressão. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

MIGUEL PEREIRA, Lúcia. Machado de Assis: estudo crítico e biográfico. 4ª ed. São Paulo: Gráfica Editora Brasileira, 1949.

SARTRE, Jean-Paul. Que é a literatura. 2ª ed. São Paulo: Editora Ática, edição. 1993.

SCHWARZ, Roberto. "As Idéias Fora do Lugar". In: Ao Vencedor as Batatas: Forma Literária e Processo Social nos Inícios do Romance Brasileiro. 2ª Reimpressão. São Paulo: Duas Cidades Ed. 34, 2000, pp. 9-31.

### Documentos eletrônicos

PROENÇA FILHO, Domício. "Importância de Machado de Assis". Disponível em [www.academia.org.br/abl\\_minisites/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?UserActiveTemplate\\_machadodeassis&sid=21&from\\_info\\_index=1&=printerview\\_default](http://www.academia.org.br/abl_minisites/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?UserActiveTemplate_machadodeassis&sid=21&from_info_index=1&=printerview_default). Acesso em 30 jul. 2006.